



Dentre as hortaliças cultivadas no Brasil, o tomate ocupa o primeiro lugar em volume de produção e o quinto em área plantada. A área cultivada aumentou em 25% nos últimos dez anos e, em 1989, foram produzidos cerca de 2,5 milhões de toneladas em uma área aproximada de 65 mil hectares, com uma produtividade média de 37 t/ha. Esta produção coloca o Brasil entre os 8 maiores produtores de tomate do mundo, inclusive como exportador de tomate processado. Contudo, o Brasil também é importador de polpa, principalmente do Chile e da Argentina.

As regiões Sudeste e Nordeste juntas totalizam 85% da produção e da área de tomate no País. As maiores produtividades são obtidas nas regiões Sudeste e Centro-Oeste (40 t/ha), onde quase 100% da cultura é produzida sob irrigação. A inexistência de cultivares adaptadas às condições de alta temperatura e precipitação, são responsáveis pela baixa produtividade (média de 17 t/ha) na região Norte. Os principais estados produtores são SP, PE, BA, MG, RJ e GO, responsáveis por 85% da produção nacional.

Cerca de 40% da área plantada no País com tomate é destinada ao plantio de cultivares de crescimento determinado, para atender à indústria na fabricação de polpa concentrada, molhos e sucos. O incremento

do consumo de tomate processado atende à nova demanda do homem moderno brasileiro, que opta por produtos industrializados ou semi-industrializados, como forma de facilitar o preparo de alimentos. O processamento, além de reduzir as perdas pós-colheita, mantém as qualidades nutricionais do alimento e permite uma maior flexibilidade na comercialização do produto, que é perecível.

Uma das vantagens do cultivo de tomate rasteiro em relação ao estaqueado, é o menor custo de produção por ser cultivado normalmente em grandes áreas, com auxílio de mecanização. O estado de São Paulo ainda é a principal região produtora de tomate industrial. Porém, o cultivo vem se expandindo para regiões do Tópico Semi-árido, no Vale do Rio São Francisco, em Pernambuco e Bahia, e para o Planalto Central (norte de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal). Isto deve-se à existência, nestas áreas mais recentes, de condições mais fáceis de cultivo, disponibilidade de áreas planas e irrigáveis, baixa precipitação pluviométrica e temperatura adequada. Nessas áreas, além do custo de produção ser menor, devido ao menor gasto com aplicações de agrotóxicos, o produto final apresenta melhor qualidade.

O incremento da produção de tomate nestas novas fronteiras agrícolas vem sendo incentivado graças ao esforço conjunto da pesquisa, da extensão rural e da iniciativa privada. Soma-se a isso a implantação nessas regiões de várias agroindústrias de fabricação de concentrado de tomate e a expansão dos programas e sistemas de irrigação. Nesse contexto, o tomate é mais uma opção para a rotação de culturas no período de inverno, com irrigação, de modo a evitar o plantio seqüencial e exclusivo de leguminosas. A capa deste número da Horticultura Brasileira mostra a colheita de tomate industrial em Itapaci-GO.

(Jorge Roland M. Santos).

Horticultura Brasileira, v. 1, nº 1, 1983 – Brasília, Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983 –

Semestral

Titulos anteriores: v. 1-3, 1961-1963, Olericultura. v. 4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v. 5, 1965; v. 7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura – Periódicos. 2. Olericultura – Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Programa de apoio a publicações científicas

